

5 Ide e projetai

Os resultados obtidos e apresentados neste trabalho oferece condições para afirmar, com segurança, que, no suporte digital, a Bíblia foi capaz de assumir integralmente os valores que devem possuir a Palavra de Deus, pois como coloca V. Nojima (1999, p.17):

O signo exerce a mediação entre o pensamento e o mundo em que o homem está inserido. Os signos podem ser entendidos como intermediários entre a nossa consciência subjetiva e o mundo dos fenômenos. Pensamos com signos e em signos.

Dessa forma, ao determinar que, como signo, a interface gráfica da Bíblia digital assume as possibilidades de ícone e índice do Livro Sagrado, é possível concluir que como tal deve ser identificada pelo usuário como o próprio Livro, e não apenas um reflexo dele.

No entanto, afirmar, a partir daí, que a Bíblia digital é tão sagrada quanto seu par impresso não é prudente. O que a pesquisa autoriza a observar é que, para o usuário, é possível a Bíblia assumir esses valores de sacralidade, na medida em que ele próprio detém todos os recursos para entendê-la como suporte da Palavra de Deus, com tanta autenticidade quanto seu suporte impresso. A determinação da sacralidade, como dito no princípio, depende de uma construção no nível simbólico que envolve tanto a identificação da forma (que este trabalho mostrou ser possível) quanto a consideração em torno de aspectos no âmbito cultural, social etc, que compõem o repertório coletivo do contexto no qual o usuário está inserido.

Apesar de tais constatações, tanto a forma impressa quanto a forma digital demonstram ainda, em diferentes níveis, lacunas a serem preenchidas. Somente na apropriação e emprego compartilhados dos conhecimentos teóricos e técnicas de projeção de ambos suportes é que a completude da Bíblia pode ser alcançada.

É um desafio para os designers responsáveis pela tarefa de projetar o ambiente gráfico, no qual a Bíblia deve se sustentar, conseguir absorver todos os valores que o ambiente impresso abarca.

Se for tomado o período em que surgiram as primeiras versões em cd-rom da Bíblia e o período de sua oferta atual, parece que ainda muito pouco se tem experimentado em torno das possibilidades gráficas existentes. Assim mesmo, se for considerado que, das dez Bíblias digitais, sete surgiram nos últimos cinco anos, acredita-se que se tem um

campo de trabalho fértil e em crescimento constante para o designer. Não é possível que esse profissional se restrinja mais à simples reprodução de textos na tela do computador. Cada vez será ainda exigido dele explorar todos os recursos que o meio digital e a Bíblia têm em comum. Enquanto projetista das interfaces gráficas que representam a Bíblia no meio digital, o designer está incumbido da responsabilidade de construir uma diagramação que focalize os aspectos funcionais e estéticos, uma estrutura gráfica que corresponda à forma narrativa hipertextual que o Livro Sagrado desenvolveu ao longo de sua história.

Os estudos aqui apresentados apontam para a importância da reflexão acerca não só da adequação da Bíblia, mas de todos os livros originalmente elaborados para a leitura impressa. É importante que o designer amplie a investigação ao elaborar o projeto para além de uma reprodução formal do livro. É fundamental entender como se dá a estrutura que sustenta os textos e como a representação pode se configurar nas telas dos computadores e *e-books*, de modo que o usuário perceba ali não um simples transplante de páginas, mas a evolução realmente efetiva do suporte.

Dois possíveis desdobramentos surgem a partir dos estudos realizados. O primeiro, mais latente e diretamente ligado ao escopo desta pesquisa, trata-se da determinação da sacralidade no ambiente digital. Não há dúvida que, determinada a assimilação por meio dos signos visuais da Bíblia na nova mídia, vale tentar estabelecer sob quais aspectos simbólicos esse suporte pode sustentar os valores de objeto sagrado. Sem dúvida, trata-se de uma pesquisa ampla e complexa, mas indispensável, considerando a inserção das tecnologias nos meios religiosos.

O segundo, básico mas primordial, apóia-se na investigação de como outros livros em geral, a exemplo da Bíblia, podem assumir integralmente sua presença no ambiente digital.

Como se pode ver, a simples digitalização dos textos torna desigual e injusta a comparação entre a leitura no suporte eletrônico e os valores adquiridos do objeto impresso. Por outro lado, valorizar os livros produzidos diretamente para os computadores por seus recursos digitais em detrimento dos recursos limitados e estáticos do livro de papel é um ato totalmente desproporcional. A transposição de um suporte para outro não deve se limitar à reprodução da imagem do objeto em si, mas de seus significados. Entender como esses acontecem nos livros impressos e traduzí-los para o ambiente digital deverá ser o caminho para sua melhor assimilação. Certamente, os valores simbólicos, de natureza coletiva e arbitrária, ainda poderão ser entraves para que essa migração se dê por completo, mas a pesquisa que o designer fizer para entender esse novo suporte deve ser o primeiro passo.

De volta à oralidade

No início deste trabalho, achei importante iniciar os textos com um versículo bíblico que falasse do ofício do livreiro. Era justo e honesto. Eclesiastes, um dos livros da sabedoria, é um dos meus preferidos, a escolha era perfeita. Eu só não sabia que ao fim de todo esse trajeto, aquelas palavras escolhidas por uma indução poética teriam um valor tão pessoal quanto agora. “Fazer livros é um ofício sem fim”, mas fazer um estudo sobre um livro sem fim revigora a alma.

Ao escrever essas últimas linhas, sinto que a tarefa foi cumprida. A intensa produção gráfica realizada nos meios digitais, acompanhada do crescimento na inserção dos setores religiosos nos ambientes eletrônicos, cada vez mais me estimula a entender qual o papel do designer gráfico na melhor adequação entre esses.

Também, durante todo o trajeto, pude perceber que, a cada momento, o Livro dos livros retorna às suas fontes originais. O que começou como histórias a serem contadas oralmente entre as comunidades, entra agora em um outro tipo de oralidade. Novamente, despoja-se das formas fixativas para situar-se no espaço invisível, subjetivo, virtual, totalmente dependente do tempo. Será no futuro a memória, ainda que digital, novamente a única guardiã das Palavras da Salvação? Um dia saberemos.